



O cavalo mongol e O rabino e o cavalo

Cláudio Feldman*

A vida, às vezes, é amarga como *khrein*, dramática como a rouquidão de um *hazan* em *Iom Kipur*, preciosa como um samovar no inverno, mas também equina como nas duas histórias a seguir:

O cavalo mongol

I

Itzi Dubnov tinha sido carroceiro, profissão considerada inferior no *shtetl* de Kransk, mas, aos 25 anos, casara-se com Peshe, já velhusca, feia e única herdeira de *rebe* Falik.

Com o capital da esposa, tornou-se revendedor itinerante dos famosos gumes Zabialov (canivetes, facas, machados etc.).

Embora Peshe não visse com bons olhos sua constante ausência do lar, inclusive durante o *shabat*, acabou por se orgulhar da súbita argúcia mercantil do marido, que ia amealhando dinheiro num esconderijo do forro.

Peshe mal saía de casa para vigiar o pecúlio; filhos, o maior tesouro, não possuíam.

O grande sonho de Itzi era abrir uma loja, com vitrinas, para expor os reluzentes metais.

II

No outono, pouco depois de Sucot, o cavalo Piatak (moeda de cinco copeques), que transportava os Zabialov de cidade em cidade, passou por uma dacha, onde contemplou uma bela égua, branca como ele, atrás de uma cerca.

Na noite chuvosa e fria, intranquilo, com o pensamento na fêmea quadrúpede, fugiu em desabalada carreira atrás de seu impulso.

Porém, próximo à casa de campo, resvalou na lama, tropeçou numa grande pedra e caiu de um barranco.



Itzi, após as orações matinais, foi buscar o cavalo para atrelá-lo à carroça e não o encontrou.

Beijou a *mezuzá*, mas não Peshe, e saiu à procura de Piatak, no dia outonal.

Perto de uma fila compacta de velhas tílias torcidas, onde cantavam tentilhões, havia um barranco enlameado.

Dentro, o cavalo agonizava, assistido por diversos habitantes do *shtetl*, que aguardavam Itzi, com curiosidade.

Este, sem coragem de abreviar o sofrimento do animal, pediu ao abrutalhado ferreiro Srul que lhe desse três piedosos tiros nas ventas.

As detonações atraíram o *starosta* Pigassof, que, ao saber do caso, esbofeteou o ferreiro, dizendo-lhe:

—Não quero confusão, com judeus armados, aqui na aldeia! Será que já não sabia disto?!

Itzi enterrou o assíduo ajudante assim como Srul o seu ódio pelo chefe do povoado.

III

O açougueiro Reuben, quando soube que o comerciante estava procurando um novo animal para a carroça, apresentou-lhe um cavalo zaino:

- Bebe uma garrafa de “kvass” e nem arrota!

O magarefe queria dizer com aquilo que o quadrúpede suportava qualquer situação.

Itzi até que gostou de Bozic, mas queria um cavalo branco, para que a presença de Piatak continuasse viva, como se nada tivesse acontecido.

Conviveu muitas noites com seu alvo fantasma, até que em Taschratz, num descampado, a oito verstras de Tobolsk, encontrou uma cavalgadura mongol, de branco pêlo espesso, que lhe mereceu a atenção

O seu dono, um incircunciso, finório como raposa velha, chamava-se Viktor Semenovitch, híbrido de cigana e mujique bebedor.

Se todas as pessoas enganadas pelo mestiço fizessem uma ciranda, poderiam abraçar Taschartz.



A princípio, o dono do cavalo não quis vendê-lo, argumentando que o quadrúpede era de estimação, mas, após marchas e contramarchas, acabou negociando a nuvem de pernas por dez rublos.

Mal a sombra de Itzi afastou-se, puxando a cavalgada por uma cordinha, o pope, que assistira às negociações, espantou-se:

— Só dez rublos, Semenovitch!?! Está fazendo caridade?!

— E ainda é muito, reverendíssimo: o cavalo manca.

O pope, logo que Viktor foi embora, correu atrás de Itzi, pensando: “Detesto os judeus, por mim seriam todos queimados em suas sinagogas, mas, por isto mesmo, ajudarei um, e Deus me valorizará”

Ofegante, alcançou Itzi e disse-lhe:

— Reb, foste... tapeado... o cavalo é... coxo e... não servirá... para nada.

— Não, ninguém me enganou! – redarguiu Dubnov, ferozmente. – Ele manca porque foi mal ferrado.

O pope, desiludido, voltou ao ex-dono do cavalo mongol e, logo que deixou de arquejar, contou-lhe o erro que tinha cometido.

— Vossa Reverendíssima – disse o sagaz Viktor –, eu não sou tolo; mandei ferrá-lo mal de propósito, para um possível comprador pensar que fosse esse o defeito.

O religioso, então, alegando pressa, devido à encomenda de alguns ícones, disparou novamente atrás de Itzi Dubnov e, quando o achou, felizmente sentado numa rocha merendando pão preto e salame *kosher*, deu-lhe a conhecer a trapaça.

O comerciante, vendo que teria fama de *shlimazel*, revelou:

— Eu percebi o logro e poderia ter recuado na compra, mas quis dar uma lição em Viktor e passei-lhe uma moeda falsa.

O pope, velho, chocado e exausto das correrias, só teve uma reação: desmaiar diante de Itzi.

IV



Todo o *shtetl* de Kransk acabou sabendo da história e dividiu-se: uns acharam a atitude de Itzi deplorável (“E aquele que comete um ato injusto contra um gentio é também uma abominação aos olhos do Senhor!” Talmud), outros, invocando legítima defesa, riram, dando-lhe tapinhas cúmplices nas costas; Peshe, preocupada com as outras moedas, nem se manifestou.

Hoje, Bozic puxa a carroça com os gumes Zabialov, Viktor pensa em participar do próximo pogrom e o pope gostaria que Cristo nunca tivesse sido judeu.

O rabino e o cavalo

Era noite de inverno.

Um cavalo mongol branco, talvez sem dono, veio parar no *shtetl* de Feukla.

Todas as luzes do vilarejo estavam apagadas, menos a do rabino Perski, que estudava o Talmud (de Jerusalém e da Babilônia).

O cavalo, então, se dirigiu para lá.

Encostou-se ruidosamente na porta, em busca de calor, até que o rabino abriu-a para olhar quem era.

Quando o cavalo o viu, perguntou:

— Posso colocar minha cabeça dentro de sua casa?

O sábio, que também entendia a linguagem dos animais, como o Baal Schem Tov, respondeu:

— Sim, porque está muito frio. Mas, por favor, não tire a minha atenção.

O cavalo ficou silencioso quase meia hora, porém, como o frio começasse a aumentar, colocou, sem autorização, as patas da frente dentro do cômodo.

O *rebe*, totalmente concentrado na leitura, nem reparou.

De repente, como se acordasse de um sonho, o *talmid-haham* voltou-se para o cavalo, que lhe indagou:

— Posso colocar também a minha barriga?

O religioso, sem perceber direito o que o cavalo lhe dizia, concordou com a cabeça e mergulhou de novo na *Guemará*.



Após algum tempo, o cavalo já tinha, pouco a pouco, se introduzido no aposento.

O *rebe* só se deu conta da situação, quando sentiu um rabo se agitando em seu nariz.

Espirrou, com as cócegas, e, vendo que o animal lhe roubara quase todo o espaço, convidou-o a sair.

— Eu, não! respondeu o cavalo. Os incomodados que se retirem. Estou muito bem aqui.

O rabino, homem com a paciência de Jó, teve que suportar, até o canto dos galos, a presença do quadrúpede, que derrubava a “menorá”, quebrava retratos emoldurados e fazia suas necessidades no assoalho.

Na oração da manhã (*shaharit*), Perski relatou o episódio do “invasor” a seus fiéis, concluindo com a seguinte mensagem:

— Os vícios, que no início são insignificantes, pouco a pouco tomam conta de nós. E aí já é tarde demais. Os cavalos, naturalmente, nada têm com isto.

Glossário

Guemará: exegese, parte do Talmud, que interpreta a Mischná.

Hazan: chanter da sinagoga.

Iom Kipur: dia da expiação.

Khrein: raiz amarga.

Kosher: ritualmente puro.

Kvass: aguardente.

Menorá: candelabro de sete braços.

Mezuzá: estojo de metal contendo um pergaminho com oração, que protege quando colocado no batente das portas.

Rebe: rabino.

Samovar: filtro de metal que conserva o chá quente.

Shabat: sabá, dia de repouso.

Shlimazel: azarado.

Shtetl: aldeia, povoado.

Starosta: chefe da aldeia russa.

Sucot: festa dos Tabernáculos.



Talmid-haham: sábio, erudito.

Talmud: o mais importante livro dos judeus, depois da Bíblia.

* **Cláudio Feldman** é Professor, escritor e roteirista. Publicou, dentre outros livros, *Tempo de deserto*, 1988; *Espelhos da chuva*, 2011; *Criminário*, 2013, e *Cama de pregos aforismos de bolso – IV*, 2013.